

**UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA – UNIVAP
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
E COMUNICAÇÃO - FCSAC**

**MARIANA GUEDES PINTO SOARES DE JESUS
RENATA SANTOS DA SILVA**

**CINESPACIAL
Espetáculo em três telas**

**SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
2013**

MARIANA GUEDES PINTO SOARES DE JESUS
RENATA SANTOS DA SILVA

CINESPACIAL
Espetáculo em três telas

Relatório apresentado como parte das exigências da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso III, do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo e Rádio e TV, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Comunicação, da Universidade do Vale do Paraíba.

Orientação: Filipe Soriano

Co-orientação: Fernando Moreira

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
2013

DEDICATÓRIA

Dedicamos esse trabalho ao arquiteto Emílio Guedes Pinto, um inventor visionário, que através de uma dessas suas invenções, nos inspirou a realizar esse projeto. Agradecemos por nos dar a honra de recontar a história do seu Cinespacial.

EPIGRAFE

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”. (Marthin Luther King)

AGRADECIMENTOS

Estar com esse Trabalho de Conclusão de Curso em mãos para nós é uma vitória, um sentimento de dever cumprido e acima de tudo a certeza de que conseguimos realizar com louvor uma etapa fundamental de nossas vidas.

Olhando para trás e vendo todo o trajeto desde o dia em que começamos esse projeto, nosso primeiro e principal agradecimento é à Deus, que nos guardou em todos os momentos. Protegeu-nos em cada viagem feita, nos amparou e sempre acalmou nossos corações nos momentos mais aflitos desse processo.

Não poderíamos deixar de agradecer a Ele também por ter colocado "anjos" em nosso caminho, o tempo todo. Nossa eterna gratidão aos nossos pais, pelo incentivo, pelas orações em nosso favor, pela preocupação para que estivéssemos sempre andando pelo caminho correto. Sem vocês, pais, nada disso se tornaria realidade hoje. À nossa família, que mesmo de longe acompanha com grande felicidade essa nossa conquista.

Aos nossos noivos, que nos apoiaram em todos os momentos, aguentando nossas crises nervosas, viajando conosco, nos ajudando sempre com muito amor e paciência.

Agradecemos também aos que nos ajudaram na parte técnica no projeto. À Vivian Clua, Daniel Clua, Stephanie Rennó e Anibal Junior que prontamente se dispuseram a fazer as animações em 3D do nosso documentário deixando o Cinespacial um pouco mais vivo para o público.

Levaremos conosco experiências maravilhosas proporcionadas por esse trabalho, pessoas que conhecemos, histórias que nos foram contadas e tantas coisas que enriqueceram as nossas vidas.

Muito obrigada também ao nosso orientador Filipe Soriano, que nos ajudou em todo o tempo sendo mais que um professor, um amigo. Ao nosso CO-orientador Fernando Moreira que nos corredores da faculdade sempre tirava nossas dúvidas. Agradecemos também à Elizabete Kobayashi que, com muita paciência e atenção, dedicou do seu valioso tempo para nos orientar em cada passo deste trabalho.

Concluimos essa etapa com muito orgulho, e conseguimos finalizar nossos cursos com esse trabalho que nos deu tanto prazer. Muito obrigada, a todos.

RESUMO

O objetivo deste estudo acadêmico é produzir um vídeo-documentário resgatando a história do Cinespacial. No ano de 1969, em São Paulo, um arquiteto chamado Emilio Guedes Pinto surgiu com uma ideia inovadora, fazer uma sala de cinema em formato de arena dividido em três setores, com três telas de projeção, sendo que cada tela seria assistida por um setor. Durante anos, Emilio estudou e planejou uma maneira de colocar sua ideia em prática. Até que em 1970, inaugurou o primeiro CINESPACIAL, uma sala de cinema diferente que por anos fez muito sucesso. Através de pesquisas foi possível resgatar materiais e dados desse projeto pouco conhecido no país. Com entrevistas e levantamentos históricos conseguiu-se desenvolver um documentário no formato expositivo, onde a prioridade é apresentar uma história verídica, sem interferências, com o intuito de incentivar as pessoas a conhecer mais sobre a história do cinema brasileiro e seus inventores.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário. Emilio Guedes Pinto. Cinespacial. Cinemas de São Paulo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. METODOLOGIA DE PESQUISA	6
2. OBJETIVOS	
2.1 Geral	8
2.2 Específicos	8
3. BREVE PANORAMA DO CINEMA	9
3.1 O começo – as primeiras exibições de cinema	9
3.2 A cultura do cinema no Brasil	10
3.3 O fim dos cinemas de rua	11
4. O CINESPACIAL	13
4.1 O projeto	13
4.2 O fechamento	16
4.3 O inventor – Emílio Guedes Pinto	17
5. O DOCUMENTÁRIO	19
5.1 O que é documentário	20
5.2 Formatos de documentário	20
5.3 Características do documentário “Cinespacial – espetáculo em três telas”	20
6. CONSTRUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO	22
6.1 Produção	22
6.2 Passo um – apuração de fatos	22
6.3 Passo dois – entrevistas	23
6.4 Passo três – o documentário	24
6.5 Passo quatro – edição final e arte	25
7. ROTEIRO	26
7.1 Formato do Roteiro	26
7.2 Roteiro “Cinespacial – espetáculo em três telas”	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
ANEXOS	41

INTRODUÇÃO

O trabalho desenvolve-se baseado na história do Cinespacial, cinema idealizado pelo arquiteto português, Emílio Guedes Pinto, naturalizado brasileiro, na década de 1960. O projeto tinha como característica principal a inovação na forma de exibir filmes.

Em sua época, o Cinespacial foi um marco na história do cinema brasileiro por ser uma nova forma de sala de exibição, pensada e projetada para aumentar o conforto do público na hora de assistir aos filmes. O objetivo deste projeto é resgatar esta história por meio da produção de um vídeo-documentário.

Pesquisando na internet sobre o tema pouca coisa se encontra. Nenhuma foto, nenhum texto explicativo, apenas antigos freqüentadores comentando em fóruns de cinema o quanto achavam aquele lugar interessante.

O documentário expositivo contribuirá para o resgate de uma história pouco conhecida pela população. Também poderá ser utilizado como fonte de pesquisa para aqueles interessados em cinema ou em suas curiosidades.

Os dois primeiros capítulos apresentam a metodologia usada no trabalho e os objetivos pretendidos. O terceiro fala sobre o breve panorama do cinema para entendermos mais sobre conceitos de sala de cinema.

O quarto capítulo conta um pouco sobre a história do Cinespacial. Como surgiu a idéia, o processo de implantação, as histórias vividas por freqüentadores, as expectativas até seu fechamento

No quinto capítulo encontra-se uma breve história do cinema mundial e suas invenções. A chegada do cinema no Brasil também é relatada neste capítulo, assim como a cultura de cinema da década de 1960/1970.

O sexto capítulo abrange uma área mais técnica como os formatos de vídeo documentário e suas características. Apresenta também as referências, as características do formato escolhido e detalhes da produção para o desenvolvimento do projeto.

O sétimo capítulo apresenta a trajetória da pesquisa e a metodologia usada. Contém detalhes sobre os métodos e meios utilizados para chegar à história final do documentário.

1. METODOLOGIA DE PESQUISA

Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema. (GIL, 2002, p.17)

A ideia, de produzir um documentário, surgiu da vontade de resgatar uma parte da história dos cinemas de rua no Brasil. Foi onde descobriu-se que um arquiteto português, naturalizado brasileiro, tinha entrado para a história do cinema mundial através da sua invenção, O CINESPACIAL, uma sala diferente e inovadora, onde os filmes eram projetados em três telas simultaneamente.

Com base no objetivo do trabalho, pode-se classificar a pesquisa como exploratória. Utilizada para obter maior familiaridade com o problema investigado, este tipo de pesquisa inclui entrevistas com pessoas envolvidas com o problema estudado e um levantamento bibliográfico.

Para aprofundar mais no tema, o procedimento técnico inicial utilizado foi a pesquisa bibliográfica. Após uma leitura exploratória em materiais na biblioteca, foi feita uma seleção do que interessaria de fato para a pesquisa. Como por exemplo, conhecer sobre outras invenções no cinema, no livro **Cinema, a invenção do século** (1998), além de uma pesquisa mais técnica de como produzir um vídeo documentário, no livro **Como produzir um documentário de alto impacto** (2008). A escolha desse material bibliográfico se deu pela necessidade de abordar a história e cultura do cinema como um todo, para dar a introdução do documentário e uma base histórica.

Já para pesquisar sobre o Cinespacial, publicações periódicas, como O estado de São Paulo, *A gazeta*, *Diário de São Paulo*, entre outros da década de 1970, são as principais fontes escritas encontradas sobre o tema em si. Visto que são poucas fontes bibliográficas, foi necessário complementar a pesquisa com depoimentos de personagens importantes da história.

De acordo com Gressler, “a entrevista é uma técnica de pesquisa que visa obter informações de interesse a uma investigação, onde o pesquisador formula

perguntas orientadas, com um objetivo definido, frente a frente com o respondente e dentro de uma interação social”. (GRESSLER, 2004, p. 164)

As entrevistas foram semi-estruturadas, quando as perguntas se baseiam no assunto que almeja conhecer de um modo não formal. O pesquisador lista as questões ou os tópicos a serem discutidos. Podendo ao longo da entrevista mudar a ordem ou acrescentar novas perguntas. Este tipo de entrevista possibilita o acesso a informação e o aprofundamento do tema. As entrevistas foram feitas em Valinhos/SP, São Paulo/SP e São Bento do Sapucaí/MG individualmente, com perguntas abertas.

A escolha dos entrevistados, sobre o tema, se deu através de reportagens da década de 1970, onde citavam nomes importantes, como o do dono do primeiro Cinespacial, por exemplo.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

O projeto tem como objetivo resgatar a história do Cinespacial, desde a sua criação até o seu fechamento. Seu desenvolvimento se dará por meio de um vídeo documentário.

2.2 Específicos

- Fazer um breve resgate da história do cinema;
- Levantar dados sobre o Cinespacial através de periódicos. Recortes de jornais de arquivo pessoal do próprio Emílio Guedes Pinto da década de 1970 e 1980;
- Realizar entrevistas com pessoas envolvidas no projeto;
- Apresentar entrevistas com antigos frequentadores do Cinespacial para relatar suas experiências relacionadas ao cinema;
- Relatar sobre a cultura do cinema na década de 1960/1970;
- Expor as respostas sobre o fechamento do Cinespacial;

3. BREVE PANORAMA DO CINEMA

3.1 O começo – as primeiras exibições de cinema

Datada de 1895, a primeira exibição oficial de um filme através do cinematógrafo, feita pelos irmãos Lumière, foi um sucesso para os poucos mais de 30 presentes. Uma adaptação do cinetoscópio, uma grande caixa de madeira que permitia observar através de um furo uma cena animada em loop, o cinematógrafo era ao mesmo tempo filmadora, copiador e projetor. (TOULET, 1998)

Denominado a “Sétima Arte”, o cinema sempre foi de grande importância e relevância para a história. Iniciado com ideias básicas, sem muito glamour, foi ganhando força quando pioneiros como Georges Méliès começaram a tratar de assuntos polêmicos, como extraterrestres, usando efeitos especiais.

As salas de cinema, por sua vez, também seguem um padrão de desenvolvimento com o passar dos tempos. Em seu início, os filmes eram em sua maioria exibidos em parques, praças e feiras. Atraindo todos os tipos de público.

Com o tempo esse formato de assistir filmes passou para algo mais intimista, pessoas reuniam-se em grandes salas de cinemas para estreias inéditas em seus países. Ir ao cinema se torna um tempo agradável para grande parte da população. Ainda existiram aqueles que ao longo da história do cinema tentaram, e fizeram história com suas invenções revolucionárias na forma de ver filmes.

Uns criam cinemas “andantes”, ou seja, alugam galpões vazios e vão de bairro em bairro exibindo seus filmes. Outros, um pouco mais audaciosos, têm a ideia de exibir filmes em vagões de trens inutilizados. Sem deixar de citar, Emilio Guedes Pinto, que teve a ideia de um cinema em 360°, onde de qualquer ponto da sala as pessoas conseguem assistir como perfeição ao filme que está sendo exibido na tela. (TOULET, 1998)

Mas as ideias de cinemas revolucionários, ou até mesmo o formato de cinemas de rua foram desaparecendo e perdendo espaço para os cinemas de shoppings, que garantem conforto, praticidade e comodidade para os telespectadores.

3.2 A cultura do cinema no Brasil

No Brasil, o cinema fez parte da cultura e entretenimento desde julho de 1896, até o ano de 1900 as exibições eram feitas de maneira itinerante, em barracões. Depois dessa época, começaram a surgir os cinemas em locais fixos como cafés, teatros e salões. A primeira sala de teatro oficial de São Paulo foi inaugurada apenas em 1907, foi o Cine Eldorado.

A principal característica do cinema brasileiro em seu começo era a reunião de pessoas como se fosse para um grande evento social. As pessoas não se vestiam para ver um simples filme, elas se vestiam para vivenciar uma experiência única e importante. O formato convencional da época era o formato de teatro e os cinemas eram nas ruas, geralmente localizados próximos uns dos outros e em avenidas principais das cidades. As construções eram marcadas por luxuosas salas de espera, poltronas de couro com conforto sublime, mezaninos e salões de entrada feitos em mármore.

Nas décadas de 1960 e 1970 o cinema já fazia parte da cultura do povo brasileiro e era frequentado por famílias que buscavam entretenimento e diversão. Ir ao cinema era um evento de extrema importância para as pessoas. Diferente do que acontece nos dias de hoje, o cinema de antigamente, não tinha a mesma rotatividade de filmes. As estreias eram mensais, muitas vezes até bimestrais. E havia apenas uma sessão no dia. (SIMÕES, 1990)

Em São Paulo, a primeira sala regular para exibição de filmes, que se tem conhecimento, é datada de 1907. Antes disso os filmes eram costumeiramente exibidos em praças públicas, parques e feiras como atração extra.

O cinema foi por mais de 30 anos uma forma de atração coletiva para pessoas de todas as idades. Não importando classe social, o cinema era para todos. Diferentemente do futebol, que atraía exclusivamente o público masculino, o cinema formava uma grande multidão cada vez mais interessada em assistir estreias internacionais. (RAMOS, 1990)

Essa cultura social que o cinema exercia sobre as pessoas nas décadas de 1970 a 1990 foi acabando aos poucos com a degradação dos centros das grandes metrópoles e com o surgimento de locais mais seguros para a montagem de cinemas, como os shoppings centers, por exemplo.

3.3 O fim dos cinemas de rua no Brasil

No começo da década de 1990, São Paulo começou a sofrer um grande impacto por causa da violência. A cidade, que em sua época já era considerada uma metrópole, não era mais segura, principalmente em algumas regiões específicas como o Centro. O aumento da violência teve grande influência para que as famílias começassem a procurar locais mais seguros para fazerem seus programas. Dar um passeio pela rua à noite, já não podia mais ser considerado um programa seguro. Por isso a cultura começou a mudar.

Os cinemas dessa década eram conhecidos como Cinemas de Rua, o Centro de São Paulo abrigava uma boa parte dos cinemas mais famosos do país, entre eles estava também o Cinespacial. Com a questão da violência e a degradação do Centro de São Paulo, esses cinemas foram perdendo seu público.

Em meio à realidade de diminuição de público, muitos cinemas não acharam outra solução que não fosse fechar. O que mantinha os cinemas, como até hoje, eram as bilheterias. Ao perder seu público, os cinemas perdiam também o seu faturamento e isso levava ao fechamento.

Logo em seguida, começaram a surgir os grandes shoppings por todo o país, e com eles a ideia dos cinemas menores, salas mais compactas, com mais opções de filmes. Os cinemas de rua tinham como característica principal o formato de salas de teatro, abrigavam em média mil pessoas por sala. As sessões eram com hora marcada, para ir ver determinado filme as pessoas tinham que esperar muitas vezes semanas, a rotatividade das películas era baixa. Os cinemas de shopping trouxeram um conceito completamente diferente.

O crítico e professor de cinema Frantjesco Ballerini¹, explica que salas menores porém em maior número, mais opções de filmes para, sessões com vários horários no mesmo dia e uma maior sensação de segurança atraiu fortemente o público, que prontamente se adaptou muito bem aos novos formatos.

Outro grande atrativo dos cinemas de Shopping é a questão da praticidade. Sugerindo um conforto maior para o telespectador, as grandes empresas de cinema começaram a desenvolver projetos para implementar as salas de cinema junto ao conforto e praticidade oferecidos pelos shoppings centers. A

¹ Entrevista realizada 28/10/2013 com Frantjesco Ballerini

visão era de que nos shoppings existem praças de alimentação e estacionamento próprio, isso gera uma facilidade de concentrar tudo no mesmo lugar, ou seja, o telespectador pode comer, ir de carro e se divertir vendo um filme, tudo em um só lugar. Emílio Guedes conta que ir ao cinema “era um acontecimento social. As sessões tinham horário certo para começar, invariavelmente havia uma sessão por noite, com intervalo no meio da sessão para tomar café e confraternizar. O traje era social.”²

Hoje existem apenas cinco salas de cinema de rua em funcionamento em São Paulo e especialistas da área dizem que esses são os sobreviventes, e que não sabem até quando eles resistirão.

² Entrevista realizada em 08/09/2013 com Emilio Guedes

4. O CINESPACIAL³

4.1 O projeto

No cinema, desde seu invento, muitos cineastas se preocupavam em inovar na parte técnica, no sentido de sempre reconquistar os espectadores com novidades nos filmes, porém quase ninguém idealizava outro projeto para inovar também as salas de exibição, sempre condicionadas às normais, como as de teatro.

As salas tradicionais contavam sempre com o inconveniente do espectador da poltrona da frente atrapalhar o espectador que sentava atrás. Outro grande problema eram as primeiras fileiras, próximas à tela, que faziam com as pessoas assistissem a uma película distorcida e sem a mínima qualidade.

“Os cinemas desenvolveram-se e cresceram na base do salão tradicional e da conseqüente procura aflita do melhor lugar possível: nem de esguelha, nem demasiado perto ou longe demais e, de qualquer forma à mercê de eventual obstrução.” (A GAZETA, 1971, p.9)

Percebendo essa necessidade de inovação das salas de cinema, Emilio Guedes Pinto criou, em 1963, seu projeto da sala em 360 graus. Um sistema de projeção, numa sala de forma circular, que permitia uma visão igual e perfeita de qualquer ponto da sala. A mesma imagem era projetada simultaneamente em três telas, através de um só projetor.

Para chegar ao seu objetivo, o arquiteto precisou estudar muito sobre salas de cinema, maneiras de projeção e se inteirar sobre tudo que era relacionado a esse mundo. Mas acima de tudo, Emílio precisou se colocar no lugar dos telespectadores que sofriam com o inconveniente de nunca conseguirem um lugar perfeito para assistir à um filme no cinema.

³ As referências para este item são resultado de uma entrevista realizada com o próprio Emílio Guedes em Maio de 2013.

Figura 1–Maquete do Cinespacial



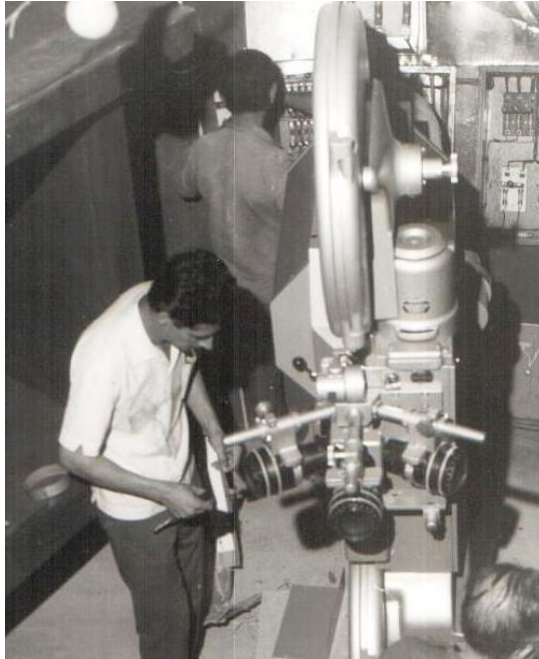
Fonte: Acervo Emilio Guedes Pinto

No Cinespacial não havia o inconveniente do espectador ficar muito perto ou longe da tela. De qualquer ponto em que se sentava se tinha uma visão correta, sem ângulos que provocassem a distorção da imagem. O conforto também era percebido na poltrona, que foi anatomicamente projetada, permitindo ao espectador uma posição de relaxamento, com encosto para a cabeça. Entre as três telas existiam anéis de proteção, evitando assim a visão de mais de uma tela ao mesmo tempo. O chão do Cinespacial era plano, sem rampas, nem degraus, deixando a circulação mais fácil. As salas Cinespacial ofereciam reais vantagens pela novidade técnica e forma que traziam, e pelo novo ambiente social que criaram exerceram sobre o público uma atração incomum.

Em 1967, Emilio Guedes Pinto conseguiu todos os recursos para a implantação do projeto. Para ele, depois de desenhar a sala circular, o grande problema era o projetor cinematográfico. Foi aí, que em parceria com a fabricante de lentes e projetores Zeiss Ikon, Emilio conseguiu o que faltava para seu projeto. Um projetor feito especialmente para o Cinespacial. Lentes especiais adaptáveis a uma única máquina foram desenhadas pela empresa. Esse projetor se encarregava de

projetar os filmes em três telões. Ou seja, a sala era dividida em três setores, cada um com seu telão, formando assim uma exibição em 360 graus.

Figura 2--Projektor do Cinespacial.



Fonte: Acervo Emilio Guedes Pinto

Na pesquisa preliminar sobre o Cinespacial pôde-se ver que o cinema foi revolucionário para sua época. Em acervo pessoal do arquiteto Emílio Guedes Pinto, viram-se matérias divulgadas em jornais e revistas da época. Em todas as matérias analisadas pôde-se perceber que a opinião era unânime, o Cinespacial era uma revolução em seu tempo. O arquiteto Sergio Bernardes declarou: “Dois terços dos espectadores de cinema localizam-se mal, pela falta de um bom planejamento de cinema. O Cinespacial preenche essa lacuna. É a humanização do espetáculo, do cinema.” (BERNARDES *apud* A GAZETA, 1971, p.9)

Em 21 de Abril de 1970 foi concretizado o projeto, com uma importante inauguração do primeiro Cinespacial do Mundo, em Brasília.

O projeto ganhou patente em dezenove países, e o arquiteto garantiu premiações pelo trabalho realizado. Emílio foi convidado para representar Portugal com sua invenção, no Salão Internacional de Inventores, em Bruxelas. Foi aí que, em meio a 107 países, Emílio ganhou a medalha de prata, perdendo apenas para um grupo francês que apresentou um trabalho científico de genética pecuniária.

Em meio a tantas divulgações e alarde da imprensa sobre o Cinespacial,

o empresário Adalberto Moura Macedo, dono de algumas salas de cinema pequenas no centro de São Paulo, ouviu falar sobre a premiação do arquiteto com o projeto. O empresário entrou em contato com Emílio buscando mais informações sobre o projeto. Adalberto foi para Brasília conhecer o cinema e logo após a patente de São Paulo foi dada à ele para que a construção fosse realizada. Com a colaboração do engenheiro Aníbal Calado, foi possível então a construção do Cinespacial em São Paulo, que teve sua inauguração no dia 25 de Novembro de 1971.

4.2 O Fechamento⁴

Em 1993, após vinte e dois anos de funcionamento, o Cinespacial fechou as suas portas. O ex-dono da sala em São Paulo, Adalberto Moura Macedo, conta que a sala foi uma das últimas do centro de São Paulo a encerrar suas atividades. Ao ser indagado, Adalberto atribui o fechamento a alguns fatores como a degradação do Centro de São Paulo e também à violência que aumentou em algumas regiões da Capital no início dos anos 1990.

Alguns ex-frequentedores, ao falar sobre o fechamento do Cinespacial, contam que tem lembranças de que as salas de cinema do centro de São Paulo começaram a ser frequentadas por pessoas que cometiam todo o tipo de ato ilícito dentro das salas, algo que também ocorreu por conta da degradação da região.

Outro fator influenciador no fechamento foi a revolução tecnológica que ocorreu nos anos 1990, com o surgimento do VHS e das locadoras, as pessoas não precisavam mais ir ao cinema para ver um filme, elas podiam fazer isso no conforto de suas próprias casas, sem correr riscos, sem enfrentar nenhum tipo de violência. Isso tira as pessoas das ruas, e as leva para um ambiente totalmente seguro e familiar.

E por fim, a mudança cultural também influi para o fechamento. O arquiteto Emílio Guedes Pinto descreve que ao ir ao cinema na década de 1970 e no início da década de 1980 as pessoas se arrumavam como que para um acontecimento social. Vestidas elegantemente, prontas para um evento importante. No fim da década de 1980 esse cenário começa a mudar. Por conta da própria degradação do Centro e do aumento da violência, o tipo de pessoas que começam a

⁴ As informações desse sub-capítulo foram extraídas de entrevistas feitas com personagens do documentário

frequentar os cinemas muda. Isso determina o tipo de público que essas salas recebiam. As pessoas já não se arrumam para um evento e sim para um acontecimento banal. Essa mudança de cultura faz com que haja uma queda no movimento das salas de cinema e a maioria optou por fechar suas portas no começo de 1980 e início de 1990. Não obstante a esse cenário, o Cinespacial também foi levado a fechar suas portas.

O ex-funcionário e projetista do Cinespacial Aristides Cardoso conta que não ficou sabendo do fechamento, chegou para trabalhar e o cinema estava fechado. O projetista conta ainda que para ele foi uma honra trabalhar no cinema, pois lá aprendeu tudo que sabe sobre projeção, mas que no dia em que ficou sabendo que não iria mais trabalhar lá, chorou.

4.3 O inventor – Emílio Guedes Pinto

Nascido em 03 de fevereiro de 1929, na cidade do Porto em Portugal, o arquiteto Emílio Guedes Pinto carregou desde criança uma paixão por formas, cores e designs diferenciados. Ainda em Portugal, quando chegou à fase de juventude escolheu fazer arquitetura. Emílio sempre foi destaque entre seus colegas pois, para sua época, criava projetos inovadores e com uma gama futurista.

Em 1950 o arquiteto conhece sua esposa, Lourdes, e se casa. Ao se casar Emilio muda-se para Luanda, na África, pois sua esposa era de lá. Ainda em Luanda faz projetos importantes como espaços públicos e obras para o governo. Sempre tomado por características futurísticas, envolvendo formas redondas, triangulares e designers totalmente arrojados.

Em 1962, por conta da guerra que estava por estourar em Angola, Emílio se muda com sua esposa e seus três filhos para o Brasil. No começo recebe a ajuda de alguns amigos, até que consegue se estabelecer de vez no país. Com alguns contatos e algumas obras da África sendo conhecidas por arquitetos brasileiros, Emílio consegue algum destaque no Brasil, conseguindo algumas obras importantes do começo de Brasília, chegando a trabalhar até mesmo com o renomado arquiteto Oscar Niemeyer.

Com suas obras ganhando espaço e destaque, Emílio consegue fazer um nome dentro da arquitetura brasileira, ganhando fama por suas obras sempre inovadoras.

Ao longo de sua carreira ganhou prêmios importantes como a medalha de prata no Salão de Inventores de Bruxelas, prêmio conseguido com o próprio projeto do Cinespacial. Após ganhar todo esse destaque Emílio conseguiu obras importantes por todo o país. Dentre os projetos mais famosos estão o Hospital Sírio Libanês, em São Paulo, A Federação Paulista de Futebol, também em São Paulo, hotéis por todo o Brasil e a Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio, prédio situado em Brasília-DF.

A característica mais marcante dos projetos de Emílio são as formas sempre arredondadas, levadas sempre para um lado futurista. Em seus projetos, busca usar formas diferenciadas o que o torna único em seu ramo de trabalho.

O seu projeto mais recente é a Hexarena, um inédito conceito de estádio de futebol. Esse novo conceito tem primordial preocupação com o interior, com o espectador, com sua visibilidade em relação ao espetáculo, sem pontos negros, com simplicidade absoluta quanto aos deslocamentos dos espectadores (entradas e saídas), com economia, sem anéis superiores encarecendo a estrutura e a construção. A economia é acentuadamente grande, pela simplicidade estrutural e conceitual.

O arquiteto sempre se preocupa em seus projetos com o conforto dos espectadores, seja no cinema ou seja em um estádio o arquiteto busca sempre um equilíbrio, um espetáculo perfeito.

Com residência em Valinhos, interior de São Paulo, Emílio Guedes Pinto está hoje com 84 anos, ainda trabalha e desenvolve projetos.

5. O DOCUMENTÁRIO

5.1 O que é documentário

Os documentários, segundo Sheila Bernard, conduzem seus espectadores a novos mundos e experiências por meio da apresentação de informação factual sobre pessoas, lugares e acontecimentos reais, geralmente retratados por meio do uso de imagens reais e artefatos. (BERNARD, 2008, p. 2).

Para os franceses, documentário era um termo para se referir a qualquer filme de não-ficção. Mesmo de forma despretensiosa, os irmãos Lumière já estavam fazendo documentário, em 1895, enquanto registravam suas primeiras imagens em movimento, como por exemplo, um trem saindo da estação, uma viagem, operários saindo de uma fábrica, etc. Um registro documental do cotidiano, de curta duração, retratando uma época.

Em 1913, Robert Flaherty registrou o que é considerado em muitos livros, o primeiro documentário longa-metragem. O filme **Nanook** (1922), retrata o cotidiano de uma família de esquimós, os inuits. O longa trazia uma linha narrativa que não se enquadrava na categoria ficção. Para Flaherty, um documentário devia "representar a vida no próprio meio em que se vive". Foi ele quem lançou a premissa de inserção no meio pesquisado, para a produção de um vídeo documentário. O tema surgia através de um contato direto e interativo com personagens reais e uma estadia longa em campo (FLAHERTY *apud* RIBEIRO, 2012).

Logo depois, já no final da década de 20, John Grierson fundou a primeira escola de documentário. Ele conseguiu que a modalidade fosse reconhecida, e então formalizou o gênero, denominado documentário clássico. A função deste primeiro movimento documentarista era educativa e social. Em relação à estética, o documentário clássico compara-se com o atual formato expositivo, que tem como características principais a edição rítmica e o *voice-over*. A partir daí deu-se o início do grande interesse pelo gênero.

No Brasil, o cinema chegou em 1896. A primeira filmagem do cinema brasileiro foi feita por Afonso Segreto, em julho de 1889, quando voltando de uma viagem a Itália, registrou a bordo do navio a Baía de Guanabara. A partir daí, seus registros eram constantes, focando na vida social, nos acontecimentos históricos e

atos oficiais. Assim, as conhecidas tomadas documentais se espalharam pelo Brasil, (ALTAFINI,1999)

5.2 Formatos de documentário

Visto que o documentário é um gênero do cinema, e caracteriza-se pelos seus subgêneros: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.

Cada subgênero segue uma estrutura a ser trabalhada pelo diretor. E, expõe para ao espectador a forma que será representada a história. Para Bill Nichols, “as características de um dado modo funcionam como dominantes num dado filme: elas dão estrutura ao todo do filme, mas não ditam ou determinam todos os aspectos de sua organização.” (NICHOLS, 2005,p.136)

O formato poético tem como finalidade a exploração do mundo de modo mais abstrato. Alinhado ao modernismo, preocupa-se em expressar a realidade através da estética e com a subjetividade do tema. Um padrão mais livre da imagem.

O formato expositivo organiza os fatos em uma estrutura mais clara e argumentativa. Reconta uma história verídica diretamente ao espectador através de imagens, legendas e, principalmente, locução.

O formato observativo expõe a realidade através de imagens da vida cotidiana, conforme as coisas acontecem. Uma observação, sem interferências aparentes, do dia-a-dia do personagem em questão.

O formato participativo tem como finalidade mostrar ao espectador a interação que há entre o cineasta e seus personagens. O pesquisador participa ativamente da vida de outra pessoa e depois expõe a sua experiência sobre o assunto. Essa interferência é uma característica que influencia a realidade.(NICHOLS, 2005)

5.3 Características do documentário “Cinespacial – Espetáculo em três telas”

O documentário “Cinespacial” foi guiado pelo formato expositivo. Trata-se de um formato no qual se expõe de forma clara e argumentativa determinada

história. Este tipo de formato visa recontar um fato verídico através de legendas e locuções, dirigindo-se diretamente ao espectador. Já as imagens, nesse caso auxiliares, tem o objetivo de ilustrar e esclarecer o que é dito pelo locutor. (NICHOLS, 2005)

A história começa contando sobre as invenções do cinema, a evolução desde a sua criação, e como sempre houve a necessidade de criar algo novo.

Depois desta introdução, abordamos o tema principal, o Cinespacial, uma invenção brasileira que foi exportada para o mundo, porém pouco conhecida no Brasil nos dias de hoje. Em seguida, relatos de seu inventor, o arquiteto Emílio Guedes Pinto e o dono do primeiro Cinespacial de São Paulo, Adalberto Moura.

Para dar base ao que estará sendo dito sobre o cinema na década de 1970, buscou-se entrevistar especialistas em cinema. Realizamos a entrevista com o professore e crítico de cinema Cássio Starling. Com o também crítico e professor de cinema da Academia Internacional de Cinema, Frantjesco Ballerini, conversamos e buscamos informações para embasamento de nossa pesquisa. Foram abordadas questões culturais do cinema em entrevista com o gestor do Museu de Cinema Paradiso, Manoel Coutinho.

Para tornar a história mais intimista, foram entrevistados ex-funcionários e antigos frequentadores do Cinespacial que contam suas experiências no local e opiniões sobre o projeto.

Fechando o documentário, Emilio faz uma conclusão da importância do seu projeto para a história do cinema. Toda a história foi narrada por entrevistas, com o auxílio de *voice-over*, ilustrada com imagens de periódicos e fotos acervo pessoal.

Já na parte técnica, para captação das entrevistas, foram usadas as câmeras Canon T2i e T3i. As imagens foram todas gravadas em Full HD (Full High Definition), permitindo uma maior qualidade. Na parte de iluminação foram usados dois pontos de luz, uma luz chave e outra de preenchimento. Para captação do áudio foi usado microfone de lapela.

O documentário finalizado ficou com dezesseis minutos e vinte e cinco segundos.

6. CONSTRUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

6.1 Produção

Para desenvolver o vídeo documentário a produção foi parte fundamental na evolução do projeto. Através dela podem-se definir dias, horários e locais para as gravações. Visto que todas as gravações foram feitas em outras cidades, foi preciso detalhar os custos e identificar a logística da equipe de gravação, assegurando assim que o projeto não ultrapassaria os limites de orçamento.

Já a edição do documentário foi feita com o objetivo de contar de forma cronológica a história do Cinespacial, desde o seu projeto inicial até o dia do seu fechamento.

Dentre horas de material bruto, foram escolhidos trechos que afetem de alguma forma o espectador. Cenas que relatam experiências, lembranças, informações e fatos sobre o cinema em questão.

Para ajudar a complementar as histórias contadas pelos entrevistados, foi usado o recurso de locução em off, um texto que acompanha os fatos, gravado por um locutor que não aparece em cena, apenas ajuda a contar alguma informação importante que não foi dita nas entrevistas.

Como o tema abordado não oferecia a opção de novas captações de imagens para contar sua história, optou-se então por ilustrá-la através de fotos de arquivo, cedidas pelos próprios entrevistados e animações gráficas.

A identidade visual foi toda baseada no material já existente do Cinespacial. Foi mantida a fonte e logomarca original em todo filme, desde a capa do DVD até os GCs dos entrevistados. (Gerador de caracteres). Foi feita também, uma abertura em animação gráfica, onde por si só tenta explicar para o espectador o significado da logomarca do cinema.

Para que o documentário não ficasse tão abstrato, foi recriada uma maquete em 3 dimensões de como era o cinema em 1971, passando assim a sensação de poder entrar novamente em uma sala do Cinespacial.

6.2 Passo um – apuração de fatos

A construção do documentário Cinespacial começou com a levantamento de fatos históricos sobre o cinema e contato com o arquiteto Emílio Guedes Pinto, dono do projeto.

Em um primeiro contato com o arquiteto pudemos conversar sobre o tema e ter dimensão do tamanho de sua obra. Tivemos contato com recortes de jornais e revistas, vias originais de contratos do cinema e patentes dos dezenove países para qual o Cinespacial foi patenteado e milhares de fotos do cinema.

Percebemos que o objeto de estudo seria interessante para que houvesse um resgate da história dos cinemas de rua do centro de São Paulo. Procuramos entender e levantar o por que do fechamento desses cinemas, inclusive o fechamento do próprio Cinespacial.

6.3 Passo dois – entrevistas

A escolha dos entrevistados, sobre o tema, se deu através de reportagens da década de 1970, onde nomes importantes eram citados, como o do dono do primeiro Cinespacial, por exemplo. Com os nomes pré-definidos, foi realizada uma pesquisa pela internet, através de mecanismos de busca para tentar localizar os telefones de contato.

Dentre as pessoas entrevistadas está o inventor do projeto, Emílio Guedes Pinto, que contou sobre a ideia inicial e seus desdobramentos até a concretização através de uma entrevista focalizada, onde se conversa sobre um tema específico. E entrevista aconteceu no dia 08 de setembro de 2013 em Valinhos, interior de São Paulo, na casa do arquiteto. Emílio contou em aproximadamente 20 minutos detalhes de seu projeto, o trajeto percorrido até a concretização de sua ideia e lembranças de toda a época do Cinespacial.

Em seguida foi feita, no dia 28 de Outubro de 2013, a entrevista com o antigo dono do primeiro Cinespacial de São Paulo, e também Presidente da FENEEC (Federação Nacional das Empresas Exibidoras Cinematográficas), Adalberto Moura Macedo, que falou em exatos 25 minutos sobre a trajetória do Cinespacial em São Paulo, curiosidades, inauguração e fechamento.

No mesmo dia, foram feitas entrevistas com antigos funcionários do Cinespacial, também em São Paulo. A ex-funcionária do cinema Wanda Terezinha de Lima, que nos conta que além de funcionária também era grande apreciadora do Cinespacial na década de 1980. O ex-funcionário Aristides Cardoso, conta-nos como

foi sua trajetória desde que começou a trabalhar na sala de cinema, até o seu fechamento em 1993.

Para falar sobre a cultura do cinema na década de 1960 e 1970 foram entrevistados o professor e crítico de cinema Cássio Starling, o diretor e professor da Academia Internacional de Cinema, Frantjesco Ballerini e o gestor do Museu do Cinema Paradiso, Manoel Coutinho.

Localizamos através de um contato o gestor do Cinema Paradiso, localizado em São Bento do Sapucaí/MG, Manoel Coutinho. Com ele pudemos conversar sobre a cultura do cinema na década de 1970/1980.

Por conta incompatibilidade de agenda com nosso entrevistado inicial o escritor e autor do livro **As Salas de Cinema de São Paulo**, Inimá Simões, não conseguimos realizar nossa entrevista.

Em seguida entramos em contato com o diretor e professor da Academia Internacional de Cinema, Frantjesco Ballerini. Uma entrevista foi feita com o objetivo de levantar informações sobre o fechamento dos cinemas de rua em São Paulo e também falar sobre a cultura dos dias de hoje relacionada ao cinema.

Posteriormente encontramos, pela internet, o crítico e professor de cinema Cássio Starling. Foi feito um primeiro contato através de Rede Social, e ele se disponibilizou a nos atender para a gravação da entrevista sobre as invenções variadas do cinema.

Ainda no dia 10 de Novembro conseguimos realizar uma última entrevista com um ex-frequentador do Cinespacial. José Roberto Vaicenkovas foi encontrado em uma rede social e após contato fez questão de ceder seus depoimentos contando como era frequentar a sala na época de sua juventude.

Com um conhecimento mais aprofundado sobre o assunto, através destas entrevistas, foi determinada a linha condutora para o documentário e definido o formato final.

6.4 Passo três – o documentário

A escolha deste tema se deu através de uma grande curiosidade sobre a invenção do arquiteto Emílio Guedes Pinto. Buscou-se entender como era o Cinespacial, qual o seu formato, como funcionava e qual a finalidade do projeto.

O público-alvo deste trabalho são pessoas de todas as faixa-etárias, pois

nosso objetivo é que quem conheceu o Cinespacial tenha boas recordações e se pergunte por que se deu o fechamento desse projeto tão inovador. E que as novas gerações, que não tiveram a oportunidade de conhecer a sala, tenham a curiosidade de saber como era esse projeto.

O documentário tem início com a fala de um ex-frequenter dizendo o quanto era bom frequentar o Cinespacial. Ao longo do vídeo pode-se enxergar um desenvolvimento e um encaixe perfeito das histórias sobre o cinema. Falamos um pouco sobre a construção e a ideia do projeto, contada por seu desenvolvedor. Em seguida apresentamos opiniões de estudiosos sobre o fechamento dos cinemas e os formatos ideais de salas de exibição.

6.5 Passo quatro – edição final e arte

Nas animações para ilustrar o Cinespacial tivemos a parceria de Vivian Dorat Betoni Clua e Daniel Clua. Contamos também com a contribuição do *Motion Graphic Designer* Aníbal Clemente Junior para desenvolver a animação da abertura do vídeo.

A editora Stéphanie Rennó Fonseca desenvolveu o GC usado no documentário. O locutor Christian Gomes fez todo o *voice-over* do projeto.

Procura-se passar clareza sobre o que é e como funcionava esse projeto. Foram feitas coberturas com fotos do acervo de Emílio Guedes Pinto e Adalberto Moura Macedo para ilustrar o que é falado sobre o Cinespacial.

7. ROTEIRO

7.1 Formato de roteiro

Após pesquisas iniciais sobre a trajetória do Cinespacial, foi feito um esboço de roteiro, em tópicos, onde se pode ter uma noção do que seria preciso buscar de informações para contar a história. Através disto foram formuladas perguntas abertas para cada entrevistado.

“O roteiro é uma história contada em imagens, diálogos e descrições, localizada no contexto da estrutura dramática.”
(Fyeld, 2001)

A estrutura final do filme só começou a ser definida na hora de editar o material filmado. Após realizar as entrevistas, e transcrevê-las integralmente, foi feito o chamado roteiro de montagem, que é o processo de selecionar e organizar as cenas já gravadas.

7.2 Roteiro “Cinespacial – espetáculo em três telas”

TÍTULO: CINESPACIAL: o espetáculo em três telas
--

Duração: 16'25

VIDEO	AUDIO
ABERTURA EM 3D DO PROJETOR FORMANDO O LOGO E ASSINATURA	TRILHA
FOTOS DO CINESPACIAL Transição em dip to black Efeito de projetor	LOC OFF Foi uma experiência única, lamentavelmente muita gente não pôde visualizar e tenho certeza que se visualizasse ia se apaixonar como eu me apaixonei pelo Cinespacial. TRILHA Efeito sonoro de projetor
	LOC OFF

<p>Imagens: Sala de cinema tradicional e Irmãos Lumière</p>	<p>O cinema com suas características atuais apareceu na França, através dos irmãos Lumière, no ano de 1895.</p>
<p>GC: Cassio Starling Critico e professor de cinema Foto primeira exibição de cinema</p>	<p>Cássio: Em Dezembro de 1895, numa sessão de 28 de Dezembro que eles fizeram algo que é um pouco a matriz disso que a gente chama de sala de cinema, ou seja eles alugaram um porão, de um café em Paris, é era uma sala relativamente pequena, dispuseram ali uma série de cadeiras, então essa relação que a gente chamaria de dispositivo cinema que é tela plateia e projetor ao fundo já existe desde essa chamada primeira sessão de cinema onde as coisas um pouco nascem no sentido do que vai ser o cinema, a sala de cinema tradicional.</p>
<p>GC: Emilio Guedes Pinto Arquiteto e inventor do Cinespacial</p>	<p>Emílio Guedes Pinto: Eu achava que as salas não estavam corretas porque as salas de cinema elas surgiram das salas de teatro, quando pintou o cinema mudo, etc, as exibições eram feitas em sala de teatro e na sala de teatro, você veja o melhor lugar é na frente no cinema não era na frente era mais pro meio, pra trás.</p>
	<p>Cássio: você improvisava com o que a gente chama ali de cine-teatro, eram teatros que pela própria disposição de público na plateia e um lugar com uma tela que você pudesse colocar na frente</p>

	do palco você projetava. Essa relação, quer dizer, essa distribuição de espaço, etc, ela vai ser consolidada no início dos anos 10, 1902/1903 a gente já tem o nascimento de uma coisa chamada grandes palácios de cinema.
	Emílio Guedes Pinto: Havia então uma dificuldade muito grande a ser vencida que era a distância entre o espectador e a tela. O espectador que estava do meio da sala pra frente quase n'ao enxergava a tela por ela ser muito grande, e o que estava atrás via com dificuldade então o ideal era conseguir uma distância média onde não houvesse a primeira fila e onde todo mundo visse de uma forma correta.
GC: José Vaicenkovas Ex- frequentador do Cinespacial	Zé Roberto: nas salas tradicionais se você, por exemplo chega em cima da hora você tem que sentar na chamada "fila do gargarejo" é horrível porque fica aquela tela enorme em cima de você, você não vê direito.
	Emílio Guedes Pinto: E a solução que eu achei ideal seria essa, um cinema circular, com três telas, dividido em três setores onde o pessoal pudesse desfrutar da imagem de uma forma correta, praticamente todo mundo vendo do jeito que podia.
Animação do projeto. Efeito de projetor na imagem	LOC OFF O projeto consiste em um cinema circular, com sua plateia disposta em três

	<p>setores. Cada setor possui uma tela onde o espectador fica a uma distância mínima de quatorze metros</p> <p>Trilha</p>
<p>Fotos do projeto</p> <p>Animação da cabine de projeção, com luz projetada em três telas.</p>	<p>Trilha</p> <p>LOC OFF</p> <p>Depois de projetada a sala de espetáculos, o grande problema era o projetor cinematográfico, que deveria transmitir o mesmo filme em três telas ao mesmo tempo.</p>
<p>Fotos do projetor</p>	<p>Emílio Guedes Pinto: Olha eu comecei por ir na Philips, na Holanda e a Philips me disse taxativamente que não era possível desenvolver esse protótipo, então aí fui com a cara e com a coragem pra Zeis, na Alemanha, fui com uma intérprete que eu não falo alemão e eles me receberam viram a ideia gostaram muito e desenvolveram o protótipo.</p>
<p>Fotos do projetor e dos operadores.</p>	<p>Adalberto Moura Macedo: Ele era uma lente só mas que jogava a imagem por prismas através de dois, de espelhos laterais. Uma tela recebia a imagem direta da lente e por espelhos jogava a imagem para as outras telas.</p>
<p>Recortes de jornais da época</p>	<p>Emílio Guedes Pinto: Depois de patenteado e escolhido o nome Cinespacial isso foi objeto de divulgação em todo o país e fora do país. Isso saiu em revistas, em jornais, etc, então isso já</p>

	era do conhecimento público, já podia ser do conhecimento público
GC: Adalberto Macedo Diretor do Cinespacial	Adalberto Moura Macedo: Li pela imprensa o lançamento deste tipo de cinema enaltecendo o fato do doutor Emílio Guedes Pinto haver sido premiado em Bruxelas com um projeto de criação desse novo modelo de cinema com três telas
Fotos da assinatura de contrato para a construção do primeiro Cinespacial.	Emílio Guedes Pinto: Apareceram espontaneamente investidores que quiseram e se propuseram a ser pioneiros e a fazer o Cinespacial, como o primeiro que foi em Brasília, foi um empresário de Brasília, jovem também, que acreditou na ideia e fez o Cinespacial que foi um sucesso em Brasília, foi um sucesso em São Paulo, foi um sucesso em Tóquio, foi um sucesso em outras partes do mundo.
	Adalberto Moura Macedo: Nessa questão trazida pelos jornais me levantou o desejo de ir conhecer o cinema que já havia sido lançado em Brasília
Fotos da construção e da inauguração do Cinespacial de Brasília.	LOC OFF O primeiro Cinespacial do mundo foi inaugurado em Brasília em 1970, no aniversário de dez anos da cidade. Um ano depois, seria inaugurado o segundo, em São Paulo. Trilha

Fotos do cinespacial e das lanterninhas vestidas a caráter.	Adalberto Moura Macedo: O próprio doutor Emílio fez questão de participar conosco de todo o projeto do Cinespacial de São Paulo e aí então ele sugeriu que tudo que fosse feito para decorar o Cinespacial e para montar o Cinespacial tivesse alguma ligação com fatos assim ligado ao espaço.
	Zé Roberto: A invenção dele é uma coisa assim que merece todo tipo de louvor porque eu nunca imaginei que alguém fosse criar algo desse tipo.
Fotos da construção e da fachada do cinema de São Paulo.	<p style="text-align: center;">LOC OFF</p> <p>Após aproximadamente nove meses de construção foi inaugurado, em São Paulo, no dia 25 de Novembro de 1971 o segundo Cinespacial do mundo, localizado na Avenida São João.</p>
Foto do interior do cinema	Zé Roberto: Quando eu soube do Cinespacial pela primeira vez, as pessoas: olha tem três telas, você vai no cinema é redondo parece uma nave espacial de qualquer lugar que você sentar você vai assistir. Aí eu disse: nossa não é possível. Aí corri lá pra ver, quando eu entrei ali falei assim nossa mas quem teve essa ideia maluca né, que na verdade é uma ideia maluca mas sensacional né.
Fotos de pessoas famosas da época,	Loc off: Adalberto: todos ficaram muito

<p>recortes de jornais e foto do Governador, Laudo Natel.</p>	<p>assim é entusiasmados com a festa de inauguração e com o espetáculo que foi apresentado. As televisões todas se interessaram, nos procuraram. Rádios e a imprensa escrita e a presença do governador, que para o governador comparecer para inaugurar um cinema precisaria que ele fosse realmente um cinema diferente, que fosse algo espetacular.</p>
<p>Foto das filas em frente ao cinema.</p>	<p>Zé Roberto: O Cinespacial quando ele foi inaugurado era uma novidade estrondosa e as pessoas através do boca a boca corriam pra assistir qualquer tipo de filme porque era uma novidade, podia ser o pior filme do mundo. As pessoas corriam pra fazer a fila pra poder chegar e sentar primeiro nos primeiros lugares, agora essa questão de melhor lugar não existia lá no Cinespacial, qualquer lugar era bom.</p>
<p>GC Wanda de Lima Ex- funcionária e frequentadorea do Cinespacial Fotos do interior do cinema, lotado.</p>	<p>Wanda: eu morava em Pirituba e no trajeto pra cidade o meu ônibus passava na porta e aí eu via o cinema aí eu falei ah tem cara de ser bonito e convenci a minha irmã e uma amiga nossa que estava em São Paulo também que eu gostaria muito de ir naquele cinema e elas me levaram. Eu fui, todo mundo muita gente, lotado, lotado, lotado. A gente chegou o lanterninha levou, já tava</p>

	<p>começando a sessão aí quanto eu entrei eu fiquei assim olhando que lado que eu sento.</p>
	<p>Zé Roberto: a sensação é de você estar dentro de uma espaçonave mesmo assim né com aquelas telas quando, principalmente quando ia começar o filme assim.</p>
	<p>Adalberto: Isso tudo juntando dava um certo brilho que conduzia quem entrava na sala de espera para um mundo um pouco diferente do tradicional dos outros demais cinemas.</p>
	<p>Wanda: eu fiquei maravilhada porque na minha cidade, cidade do interior até tinha cinema mas nunca eu imaginei que existisse um cinema como era o Cinespacial então pra mim como espectadora eu fiquei deslumbrada, nunca imaginei que depois, na frente eu viria trabalhar aqui.</p>
<p>Animação em 3D do interior do Cinespacial.</p>	<p>Emilio: você entrava como quando você entra numa arena circular ele era dividido por três setores, dividido por corredores de acesso de espectador então cada terço do cinema tinha uma tela na sua frente do outro lado da sala.</p>
<p>Animação em 3D do interior do</p>	<p>Wanda: eu olhei uma tela, outra tela,</p>

Cinespacial.	outra tela, quer dizer da maneira que eu sentasse eu assistia né.
GC Aristides Cardoso Ex- funcionário do Cinespacial	Aristides: não aí os adultos também perguntava né moço qual é o melhor lugar pra eu assistir o filme, que posição eu fico? Simplesmente eu respondia oh você escolhe aonde você se sentir mais bem onde você achar melhor pra você assistir, as telas são iguais certo, vai passar tudo a mesma coisa nas três telas né.
	Ze Roberto: até na época tinha gente que pensava assim nessa questão da visão periférica né mas não atrapalhava não, porque quando você vai pra se concentrar e assistir o filme não tem problema.
	Emílio: o Cinespacial foi concebido, volto a repetir, para ser um cinema tradicional da época só que com vantagens enormes em termos de visão do espectador só isso. Como os cinemas da época grandes de rua etc sumiram o Cinespacial também sumiu, infelizmente.
GC: Manoel Coutinho Gestor do museu CineParadiso	Manoel: os cinemas de rua começaram a entrar em fracasso, o público já não ia mais em cinema de rua, o público já começava a frequentar os cinemas de shopping. Mais segurança né, tinha estacionamento. O que que aconteceu,

	<p>isso no Brasil todo em outros lugares outros países também os cinemas foram fechando.</p>
	<p>Adalberto: quando essa queda se acentuou, foi exatamente por volta de 1990, aí nós começamos a pensar em alterar a nossa, nosso interesse pelo próprio cinema, a ponto de em 93 nós fecharmos o cinema.</p>
	<p>Aristides: ninguém me falou nada eu trabalhei normal, quando eu cheguei no outro dia para trabalhar, o cinema tava fechado. Quando eu recebi a notícia que a partir daquele dia o Cinespacial estava fechado, aquela noite foi uma noite triste pra mim que eu chorei muito a noite, não vou mentir que eu não chorei, chorei.</p>
	<p>Wanda: Quando eu entrei aqui o que a mídia retratava era os filmes né que falava já da programação e depois ela falou muito que fechou, lamentou o fechamento do Cinespacial que era mais um cinema que tava digamos assim morrendo em São Paulo.</p>
	<p>Manoel: Começaram os cinemas de rua a fechar, porque não tinha público mais.</p>
	<p>Emilio: Isso eu acho que, acho não tenho certeza que é a evolução do mundo, hoje</p>

	<p>pra você ver um filme não precisa nem ir ao cinema, você vê no computador, vê no celular vê em todo o lado todo esse avanço da tecnologia levou as salas de cinema a ficarem pequenas não é mais um acontecimento é uma banalidade, é um acontecimento banal, e as salas de rua foram sumindo gradativamente.</p>
	<p>Manoel: que que poderia acontecer nos cinemas de rua? Tá agora é tudo digital, projetor digital, era só substituir mesmo os projetores né modernos pra época né vamos substituir então os projetores, vamos botar um cinema digital? Num tem público, num tem público fica um espaço vazio, esse foi o motivos que fecharam os cinemas de rua, você vai nos cinemas de shopping são dez salas tudo com lugarzinho pequeninho e isso matou. É a modernidade? Sim, é a modernidade e num tem como você breicar isso.</p>
	<p>Ze Roberto: eu acho que esse tipo de formato se ele fosse incorporado numa dessas redes novas de cinema que tem no Brasil seria um sucesso estrondoso. Imagine uma Cinespacial 3D era uma coisa que seria sensacional, eu mesmo não sairia do cinema Cinespacial.</p>
	<p>Adalberto: o Cinespacial por ser um projeto inovador e se tivesse prosseguido a divulgação e se investido mais nesse tipo de cinema seguramente eu acho que</p>

	<p>seria o tipo de cinema que dominaria o mundo.</p>
<p>Fade out</p>	<p>Emilio: Bom eu diria que tem um certo, uma certa força um certo impulso ter feito algo que foi importante na época né. Hoje infelizmente não é importante, mas como ideia continua sendo uma ideia brilhante.</p> <p>Acho eu.</p>
<p>Creditos finais</p> <p>Produzido por: Mariana Guedes e Renata Santos</p> <p>Edição: Renata Santos</p> <p>Locução: Christian Gomes</p> <p>Animação: Anibal Junior</p> <p>Stephanie Rennó</p> <p>Animação: Vivian Clua e Daniel Clua</p> <p>Apoio: Esfera Filmes</p> <p>Imagens de um álbum de fotos com efeito de projetor em cima.</p>	<p>Trilha + efeito sonoro de projetor</p>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciado, esse projeto teve o principal objetivo de conhecer um cinema de grande sucesso por mais de vinte anos. Ouvimos falar do Cinespacial através do arquiteto Emílio Guedes Pinto, avô de uma das realizadoras desse projeto. No começo ainda não se sabia ao certo no que consistia o projeto. Em uma primeira conversa pudemos obter mais informações e concluir que o objeto de estudo teria tudo para render uma ótima história. A dúvida existente no começo do trabalho era o porque do Cinespacial ter fechado.

Começaram a surgir algumas respostas no decorrer das pesquisas realizadas. Percebeu-se que o Cinespacial não fechou por conta de má administração, mas sim sofreu um efeito colateral do fechamento dos cinemas na cidade de São Paulo.

As pesquisas feitas sobre o Cinespacial mostraram que o cinema foi um grande sucesso em sua época. Os jornais e revistas da época enalteciam o fato da sala ser a ideal para a exibição de filmes, esse era sempre o seu diferencial. Por ter uma arquitetura totalmente inovadora e nunca vista antes, o projeto do arquiteto Emílio Guedes Pinto ganhou proporções mundiais. O cinema em 360°, com três telas passando o mesmo filme, remetia ao futuro, pois dava-se a impressão de estar entrando em uma nave espacial. A novidade chamava a atenção do público de todas as idades. As crianças maravilhavam-se com o que viam, era tudo deslumbrante. Já os adultos sentiam-se ligados ao futuro, um futuro distante, porém não tão longe da realidade do momento.

Durante a produção deste trabalho percebemos o quão desafiador foi o tema escolhido. Recontar a história de um cinema, que foi tido como revolucionário na sua época, foi de grande responsabilidade. Como hoje em dia, este cinema não é conhecido por muitos, precisaríamos explicar de forma clara, através do pouco material que tínhamos, os objetivos e benefícios do Cinespacial. Para isso, tivemos contado com diversas pessoas, para conhecermos também um pouco melhor a trajetória deste cinema.

Foi possível usar neste trajeto todo o conhecimento adquirido nos quatro anos de faculdade. Pudemos colocar em prática todas os aprendizados teóricos que nos foram ensinados no decorrer desses anos. Pudemos observar que tudo que

aprendemos foi de grande utilidade no desenvolvimento das atividades desse projeto.

Concluimos que poderemos levar para o resto de nossas vidas os aprendizados adquiridos com esse projeto de conclusão de curso, que veio para somar e concluir tudo o que aprendemos em nossa formação acadêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTAFINI, Thiago. Cinema Documentário Brasileiro: Evolução Histórica da Linguagem, 1999. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/Altafini-thiago-Cinema-Documentario-Brasileiro.pdf>. Acessado em 16/05/2013.

CURRAN BERNARD, Sheila. Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto. Rio de Janeiro: Campus, 2008

ENTRE nesta sala, imagine-se num disco voador e assista a um filme no Cinespacial. Diário da noite, São Paulo, ago, 1971, p.8.

FIELD, Syd. Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

GAUTHIER, Guy. O documentário: um outro cinema. Campinas: Papyrus, 2011.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Editora Atlas, 4ª Ed, 2002.

GRESSLER, Lori Alice. Introdução a pesquisa. São Paulo: Editora Loyola, 2ª Ed. 2004.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas: Papyrus, 2005.

RAMOS, Fernão. História do Cinema. Art Editora, 1990.

RIBEIRO, Diana. "Nanook, o esquimó: um pioneiro do filme documental",2012. Disponível em: http://obviousmag.org/archives/2012/05/nanook_o_esquimo_um_pioneiro_do_filme_documental.html#ixzz2W1d6vGet .Acessado em 15/05/2013

SIMÕES, Inimá. Salas de cinema em São Paulo. São Paulo: Editora Bandeirante, 1990.

TOULET, Emmanuelle. O cinema, invenção do século. São Paulo: Objetiva, 1998

ANEXOS

1. HIPÓTESE

Analisando os materiais coletados sobre o Cinespacial, é possível afirmar que o projeto foi revolucionário para sua época. Em uma década onde as pessoas estavam acostumadas ao básico, ao tradicional, vê-se o Cinespacial trazendo um frescor, uma inovação para o momento.

Nota-se que o projeto era bem visto pela população, através de diversas fotos coletadas em acervo pessoal é possível observar filas gigantescas na porta do cinema. Em uma época onde dezenas de inventores tentavam inovar e estabelecer novos padrões de exibição de filmes, o Cinespacial conseguiu ganhar espaço e credibilidade suficientes para permanecer por mais de duas décadas em funcionamento.

Mas em meio a esse sucesso levanta-se o questionamento do porque o cinema não permanece até hoje. Observando todo o material de pesquisa nota-se que os cinemas denominados de “cinemas de rua” desaparecem ao longo do tempo, entrando assim em estado de extinção. O motivo aparente é a chegada dos shopping centers nas cidades. Isso cria uma cultura de facilidade nas pessoas. A facilidade de ter tudo em um único lugar. Conforto em meios aos grandes estacionamentos e praticidade na hora de se alimentar.

2. JUSTIFICATIVA

Nos anos 1970, em meio a tantos projetos inovadores, surgiu um novo conceito de ver filmes. Esse conceito se chamava Cinespacial. Criado pelo arquiteto português, naturalizado brasileiro, Emílio Guedes Pinto, o novo modelo de cinema que consistia em um cinema 360°, dividido em três telas e três setores, veio para revolucionar a maneira de assistir aos filmes, e ganhou proporção mundial com patente em dezenove países, segundo o próprio arquiteto.

Embora o projeto tenha sido revolucionário, é difícil achar informações sobre o cinema em questão em qualquer tipo de acervo, seja virtual ou manual. Fotos, vídeos e documentos são quase inexistentes. O objetivo é resgatar, por meio de um vídeo documentário, a história do Cinespacial, desde sua ideia inicial até o

seu fechamento. O projeto irá detalhar histórias de frequentadores do cinema, jornalistas que acompanharam o lançamento do projeto e depoimentos do idealizador, Emilio Guedes.

Ao longo da história se vê que o cinema foi criado por uma necessidade do ser humano em compartilhar suas criações. A maneira comunitária de ver filme se tornou popular, pois as pessoas perceberam que ao assistirem filmes com mais pessoas ao seu redor afluíam-se sentimentos como, risos, choro, raiva, ódio, etc. Mediante essa percepção começaram a surgir dezenas de idealizadores com ideias muitas vezes inteligentes e inovadoras, outras nem tanto.

Através das matérias encontradas, o Cinespacial é sempre citado como um projeto inteligente e inovador. O também arquiteto, Lúcio Costa, autor do plano piloto de Brasília, expressou-se sobre o novo projeto:

[...] as ideias estão no ar, disponíveis, ao alcance da mão, isto é, do engenho de cada um; e assim a evolução tecnológica se processa a favor do homem. Ainda agora, graças ao Cinespacial, esse passe de mágica de Emílio Guedes Pinto, poderemos todos participar do espetáculo na posição ideal, devidamente recostados e sem qualquer obstrução, em estado de graça.” (A GAZETA,1971, p.9)

A ideia do arquiteto Emílio Guedes Pinto foi uma revolução para a época, pois seu projeto se resumia em um cinema de 360 graus, onde todas as pessoas teriam uma visão privilegiada, estando sentada na primeira fila ou na última. Um dos destaques do cinema em questão é que todas as poltronas reclinavam-se levemente para trás, dando ao espectador um conforto absoluto.

4. AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

EMÍLIO GUEDES PINTO



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) RENATA SANTOS DA SILVA, portador (a) do RG 56.240.556-2 e CPF 010.225.859-75, a utilizar minha imagem e voz, a ser veiculada, primariamente, no material em vídeo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **FVE/UNIVAP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **FVE/UNIVAP**, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da **FVE/UNIVAP**, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, o aluno (a) e a **FVE/UNIVAP** poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

São José dos Campos, _____ de _____ 2013.

Assinatura:

Emílio Guedes Pinto

Nome:

EMÍLIO GUEDES PINTO

End.:

Rua General Jardim 770 - 8º - S.P.

CPF:

017.490.138-00

ADALBERTO MOURA MACEDO



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) RENATA SANTOS DA SILVA, portador (a) do RG 56.240.556-2 e CPF 010.225.859-75, a utilizar minha imagem e voz, a ser veiculada, primariamente, no material em vídeo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **FVE/UNIVAP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **FVE/UNIVAP**, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da **FVE/UNIVAP**, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, o aluno (a) e a **FVE/UNIVAP** poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

São José dos Campos, 28 de Outubro 2013.


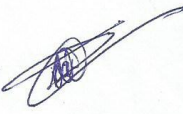
Assinatura: 

Nome: _____

End.: _____

CPF: _____

Dirutora do Gime presel
~~Presidente do Supracap~~

CÁSSIO STARLING CARLOS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) RENATA SANTOS DA SILVA, portador (a) do RG 56.240.556-2 e CPF 010.225.859-75, a utilizar minha imagem e voz, a ser veiculada, primariamente, no material em vídeo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **FVE/UNIVAP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **FVE/UNIVAP**, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da **FVE/UNIVAP**, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, o aluno (a) e a **FVE/UNIVAP** poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

São José dos Campos, 1 de NOVEMBRO 2013.

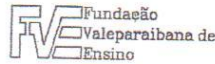
Assinatura: _____

Nome: CÁSSIO STARLING CARLOS

End.: R TEIXEIRA DA SILVA, 393 AP 14

CPF: 497951806-06

MANOEL FRANCISCO COUTINHO



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) *Renata Santos da Silva* do RG 56.240.556-2 e CPF 369.017.158-03, a utilizar minha imagem e voz, a ser veiculada, primariamente, no material em vídeo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela FVE/UNIVAP, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela FVE/UNIVAP, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compactdisc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da FVE/UNIVAP, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, o aluno (a) e a FVE/UNIVAP poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

São José dos Campos, *22 de setembro de 2013*

Assinatura: 

Nome: *Manoel Francisco Coutinho*

Endereço: *Rua São Bento, n.º 61*

Telefone: *(12) 99703-4834*

RG: *9.909.157-55P-SP*

São Bento do Sapucaí - SP

WANDA TERESINHA DE LIMA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) Renata Santos da Silva, portador (a) do RG 56.240.556-2 e Mariana Guedes Pinto Soares de Jesus, portador (a) do CPF 378.529.238-44, a utilizar minha imagem e voz, a ser veiculada, primariamente, no material em vídeo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela FVE/UNIVAP, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela FVE/UNIVAP, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da FVE/UNIVAP, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, o aluno (a) e a FVE/UNIVAP poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

São Paulo, 01 de Novembro de 2013.

Assinatura: _____

Nome Completo: WANDA TERESINHA DE LIMA

End.: AV. RIO BRANCO, 300-1º MEZANINO - SÃO PAULO

CPF: 894 478 248-20

ARISTIDES CARDOSO CANTUARIA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) Renata Santos da Silva, portador (a) do RG 56.240.556-2 e Mariana Guedes Pinto Soares de Jesus, portador (a) do CPF 378.529.238-44, a utilizar minha imagem e voz, a ser veiculada, primariamente, no material em vídeo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela FVE/UNIVAP, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela FVE/UNIVAP, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da FVE/UNIVAP, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, o aluno (a) e a FVE/UNIVAP poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

São Paulo, 01 de Novembro de 2013.

Assinatura: Aristides Cardoso Cantuaria
 Nome Completo: Aristides Cardoso Cantuaria
 End.: AV Rio Branco nº 300 1º andar - Campos Eliseas - São Paulo
 CPF: 007.015.288-85

JOSÉ ROBERTO VAICENKOVAS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) RENATA SANTOS DA SILVA, portador (a) do RG 56.240.556-2 e CPF 010.225.859-75, a utilizar minha imagem e voz, a ser veiculada, primariamente, no material em vídeo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **FVE/UNIVAP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **FVE/UNIVAP**, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da **FVE/UNIVAP**, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, o aluno (a) e a **FVE/UNIVAP** poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

São José dos Campos, 10 de Novembro 2013.

Assinatura: _____

Nome: JOSE ROBERTO VAICENKOVAS

End.: RUA MANDEIRA 377 VILA ACPINA / SP

CPF: 99936852834 CPF 03205020